

Futebol e cultura brasileira

WALDENYR CALDAS
(*Universidade de São Paulo*)

*Para Gisele,
com puro amor.*

Resumo

A diversidade cultural presente no Brasil resulta em uma certa tradição de cultura lúdica. Embora vista pelos estrangeiros como simples objeto lúdico e mero divertimento, essa cultura lúdica é, na verdade, um produto de maior importância, cujos significados próprios manifestam-se especialmente no carnaval, na música e no futebol.

Palavras-chave: cultura brasileira, futebol, comunicação e cultura

Resumen

La diversidad cultural presente en el Brasil es el resultado de una cierta tradición lúdica. Aunque vista por los extranjeros como un simple objeto lúdico y mero divertimento, esta cultura lúdica es en verdad un producto de mayor importancia, cuyos significados propios se manifiestan especialmente en el carnaval, en la música y en el fútbol.

Palabras-clave: cultura brasileira, fútbol, música, carnaval, comunicación y cultura

Abstract

The Brazilian cultural diversity results in a kind of playful tradition. Although it is seen by foreigners as a simple playful object and simple amusement, this playful culture is in fact a more important product, whose own meanings are specially manifested in its carnival, its music and in its soccer.

Keywords: Brazilian culture, soccer, music, carnival, communication and culture

Da heterogeneidade cultural

O Brasil possui uma formação étnica e cultural bastante diversificada. O colonizador europeu que aqui encontraria o indígena em seu *habitat* natural, abriria caminho para o grande ciclo das migrações.

Antes, porém, os portugueses trariam do continente africano, a mão-de-obra escrava de que precisavam para explorar os recursos naturais da sua nova colônia.

Assim, indígenas, europeus e africanos, ainda que em circunstâncias e condições diferentes (colonizador versus colonizados), seriam protagonistas do que mais tarde os estudiosos chamariam de Cultura Brasileira¹.

Heterogêneo em sua formação cultural, o Brasil apresenta ainda desigualdades regionais no tocante à sua economia e a distribuição populacional. Enquanto o sudeste e o sul concentram a grande força econômica do país e a maior parte da população, as demais regiões (NE, N e CO) apresentam grandes vazios populacionais e uma produção agro-industrial apenas sofrível. Analisando-se mais detalhadamente a questão, chega-se mesmo a pensar na velha mas sempre atual tese do sociólogo francês Jacques LAMBERT (1958) sobre "Os Dois Brasis". A bem da verdade, os 8.511.965 km² que totalizam a área do país, permitem que se reconheça bem mais de dois brasis.

Do ponto de vista antropológico, podemos nomear pelo menos três brasis: um formado pelas regiões norte e centro-oeste, outro pelo nordeste e o terceiro pelo sudeste e sul. São regiões que apresentam poucas identidades e muitas diferenças. Culturalmente², por exemplo, elas possuem usos, costumes, tradições e comportamentos muito diferentes. O suficiente para as percebermos separadamente, em que pese o processo de modernização da sociedade brasileira, o desenvolvimento das telecomunicações e a urbanização dos últimos trinta anos. Se não tão acentuadas como antes, ainda assim as diferenças são notórias.

Era até previsível que a televisão pudesse ter alguma interferência nos valores culturais locais num país continental como o Brasil. Isso realmente aconteceu e, de certo modo, ainda ocorre. Mas a meu ver, não o suficiente para falarmos em descaracterização da cultura regional. Não se pode falar, pelo menos até agora, no chamado fenômeno da standardização da cultura com o advento da televisão via Embratel. Não se pode negar, evidentemente, a forte presença de uma cultura de massa.

¹ A bibliografia específica sobre o tema Cultura Brasileira é muito vasta e não cabe neste ensaio uma discussão mais detalhada do tema. No entanto, os interessados devem consultar algumas obras como: Gilberto Freire, *Casa Grande e Senzala*, Editora José Olympio, 1978, São Paulo; Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, Editora Brasiliense, 1980, São Paulo; Alfredo Bosi, *Cultura Brasileira*, Editora Ática, 1977, São Paulo, entre outras.

² Estamos aqui pensando nas concepções de Clifford Geertz quando discute sobre as formas de cultura em seu livro *A interpretação das culturas*.

Com a integração televisiva do país, os estudiosos da cultura e da comunicação, passaram a se preocupar com os rumos que poderiam tomar a cultura regional. Com algumas exceções, o pensamento vigente apontava para um desfecho pessimista: a pasteurização irreversível daquela cultura.

Pois bem, há vinte e oito anos o país está integrado pela imagem eletrônica e não se pode ainda falar de transformações irreversíveis ou radicais na cultura regional brasileira. O que se pode observar, isto sim, é aquilo que os antropólogos chamam de “interpenetração cultural” (HERSKOVITS, 1967), ou seja, a presença de duas culturas interagindo no mesmo espaço. Isso no entanto, não significa, necessariamente, o desgaste estrutural da cultura autóctone ou vice-versa³. O que se percebe, efetivamente, é a absorção de determinados valores culturais, tanto de uma parte quanto de outra, sem que isso signifique, de fato, danos à cultura regional. As mudanças culturais ocorreriam de qualquer forma nessas regiões, justamente em face da própria dinâmica da sociedade.

Não se poderia esperar que só a sociedade mudasse e sua cultura permanecesse a mesma. É fácil observar empiricamente como se dá esse processo na dinâmica sócio-cultural. Seria, aliás, um erro teórico, não se admitir este fato. Uma coisa é se desejar a preservação cultural de um lugar, de uma região, outra coisa é não se admitir que esse mesmo espaço necessariamente mude no decorrer do tempo, com ou sem interferência externa.

De uma forma ou de outra é inegável a mudança. Este “purismo cultural” gera, na verdade, uma espécie de conservadorismo romântico e retrógrado que às vezes pode obliterar novos e importantes caminhos para a pesquisa antropológica.

É preciso notar que o norte e o centro-oeste do Brasil têm ainda (não se sabe por quanto tempo) uma forte presença da cultura indígena. Não só nos seus hábitos culinários (vide o mujanguê, a chicha, os refrescos de assaí, patoa, biriba, tacaca etc.), mas nas suas crenças e festas populares. Além disso, permanece ainda, toda uma mitologia acerca da sua cultura que continua viva nos hábitos, costumes e tradições do homem amazônico⁴.

Este é também o caso do nordestino que, a partir do início do século XVII, com a importação maciça de escravos, passaria a ter significativa influência da cultura negra. Hoje o Estado da Bahia tornou-se assim uma espécie de “representante” da cultura negra no Brasil. E de lá, ou para lá converge, grande parte dos chamados “movimentos negros” desse país. E, mais do que isso, a Bahia vem se tornando ao longo dos últimos vinte anos, a mais legítima representante da cultura negra em toda a América Latina, provavelmente ao lado de Cuba. Um fenômeno sociológico que a pesquisa sistemática poderá explicar melhor mais à frente. Não por acaso,

³ Quando ocorre o choque entre duas culturas costuma-se chamar esse fenômeno de “fricção cultural”.

⁴ Especialmente sobre essa questão convém ler a obra de Orlando Villasboas, intitulada *Xingu*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

a cidade de Salvador tornou-se a preferida dos cantores e compositores negros de diversas partes do mundo.

Segundo eles mesmos, seu objetivo é um contato mais estreito com o som "afro-brasileiro". Além de ser considerado de alta qualidade pelos próprios musicistas, possui a emergência e a aura de uma cultura da negritude e grande prestígio na indústria cultural internacional. Enquanto o superstar Sting estudava os sons dos indígenas brasileiros para seu novo disco, os jamaicanos Jimmy Cliff e Bob Marley e os americanos Miles Davis e Paul Simon, entre outros, faziam viagens de estudo e pesquisa de som da negritude baiana.

As festas populares do nordeste, entre elas o carnaval, mantêm a tradição de toda a cultura popular da região, a despeito da presença ostensiva da cultura televisiva. A sátira política, os bonecos tradicionais, os mascarados, as fantasias de cangaceiros e de outros personagens da região são destaques nessa importante festa popular do nordeste e do Brasil. É claro que em alguns casos, como a sátira política, as fantasias, os mascarados etc., há sempre uma reciclagem objetivando justamente atualizar o momento social vivido.

Na Bahia, por exemplo, o carnaval tem uma longa tradição da cultura negra. Há blocos muito bem organizados formados essencialmente de negros. São os casos dos "Filhos de Gandi" e dos "Afoxés". De algum modo, portanto, a cultura popular nordestina tem se mantido presente, ao contrário de algumas previsões mais pessimistas de estudiosos do tema.

O caso das regiões sudeste e sul é diferente. Por condições históricas decorrentes do processo de colonização, essas regiões tornaram-se as mais ricas do país. O ciclo do café, economicamente, o mais importante para o país ocorreu nessas regiões. A partir da metade do século XIX, os imigrantes europeus (especialmente atlanto-mediterrâneos) passaram a se concentrar nessa parte do país tornando-a, já naquela época, o destaque da incipiente economia brasileira.

Por sua diversidade étnica e cultural e pela concentração da riqueza, o sudeste e o sul apresentam características bem diferentes das outras regiões brasileiras. O capital as desenvolveu mais, criando um padrão de vida superior àquele encontrado no norte, centro-oeste e nordeste. Ao mesmo tempo, essa heterogeneidade étnica e cultural resultou numa falta de maior identidade não só com as outras regiões, mas também entre a própria população dessa área.

Se, por um lado, existem algumas identidades como, por exemplo, oficialmente terem a mesma religião (o catolicismo) e falarem o mesmo idioma (o português), por outro lado, cada grupo étnico de imigrantes preservou sua cultura, criando e vivendo nos chamados "núcleos étnico-culturais". São os casos dos alemães em Santa Catarina, dos poloneses no Paraná e dos italianos e japoneses em São Paulo. A capital do Estado (São Paulo), aliás, uma metrópole de dezesseis milhões de habitantes, com um estilo inteiramente cosmopolita.

Aqui está, portanto, uma rápida síntese das regiões brasileiras e uma pequena amostra das suas diversidades culturais. A falta de uma unidade cultural, no entanto, não ameaça a unidade territorial do país. Até porque, não há problemas de ordem religiosa ou racial, que são fatores historicamente desagregadores.

Os problemas concernentes ao Brasil são aqueles já consagrados na grande maioria dos países em desenvolvimento. A economia que não vai bem, o aumento dos problemas sociais, a má distribuição de renda, a corrupção política, entre outros que, por não terem relação direta com o tema deste ensaio, apenas os registramos⁵.

A tradição lúdica e o futebol

Ao mesmo tempo, essa diversidade cultural faz do Brasil, um país com algumas peculiaridades onde a população realmente se identifica. Nem boas nem ruins; apenas peculiaridades. Há uma certa tradição da cultura lúdica nesse país. O senso comum detecta, empiricamente, algumas sutilezas e fatos sociológicos no “jeito de ser” do homem brasileiro que, na verdade são procedentes. E, mais do que isso, eles têm importância fundamental na organização social e política do país. O que se apresenta aos olhos do estrangeiro ou de quem o desconhece “por dentro”, como simples objeto lúdico e de mero divertimento é, na verdade, um produto da maior importância. Não só no tocante à cultura popular brasileira (essa é a primeira leitura que se faz), mas também no que diz respeito à sua economia e política. O que se apresenta ao leigo apenas como objeto de prazer, de folia, de diversão, tem significados muito mais densos e profundos do que a simples aparência. Estou pensando no carnaval, na música e, evidentemente, no futebol.

Mas é preciso ir por partes, até por uma questão metodológica. A música popular, por exemplo, desde o final dos anos cinquenta (1957) se tornou um produto de exportação. O movimento “Bossa Nova”, liderado por jovens compositores e cantores brasileiros, ganharia prestígio nos Estados Unidos ainda nessa mesma década.

Depois de revolucionar inteiramente a música popular brasileira, especialmente no plano estético, a bossa nova emigrou para a América e, obviamente, com um bom respaldo mercadológico manteve seu sucesso e prestígio. Logo em seguida, o mercado europeu a absorveria.

A consolidação desse sucesso, no entanto, está estreitamente ligada às transmissões televisivas do carnaval carioca para diversos países do mundo. A somatória do sucesso da bossa nova, com a batucada dos sambistas, o

⁵ A literatura científica sobre os problemas econômicos, políticos e sociais do Brasil é muito vasta. Mas, para se ter uma síntese dessas questões, deve-se ler o brasilianista Thomas Skidmore, *Brasil: de Getúlio a Castello*, e *Brasil: de Castello a Tancredo*, ambos da Editora Paz e Terra, São Paulo.

remeleixo da mulata e a alegria dos foliões carnavalescos, projetaram a música popular brasileira como imagem e personalidade do seu país. O que é verdade, em grande parte, e exagero sensacionalista em alguns aspectos.

Tomemos o carnaval como exemplo. Não há dúvida de que o povo brasileiro tem mesmo um certo pendor pela gestualidade corporal⁶. Há até uma explicação histórica a antropológica para isso. A miscigenação de três etnias, quando menos, já é algo peculiar. Mais do que isso, no entanto, é notar que índios e negros (cafuzo) têm importância fundamental na formação étnica e cultural brasileira.

São duas civilizações que sempre viveram numa cultura libertária. Entre eles a expressão corporal tem outra conotação, que não aquela da civilização branca, onde o corpo passou a ser instrumento de repressão e de dominação. O catolicismo e o branco é que, por conta do seu autoritarismo colonizador, fizeram negros e índios se vestirem. Aliás, foram muito longe. Obliteraram parte de suas culturas, proibindo as chamadas “danças profanas” como, por exemplo, o Lundu, por as considerarem imorais e, portanto, ofensivas e incompatíveis com a nova moral social vigente do colonizador ocidental.

É inegável que essas civilizações possuem uma estética corporal particular. Original. Para elas a nudez nunca teve um caráter libidinoso, muito menos de permissividade sexual. Só passaria a ter para aqueles “aculturados” que iriam trabalhar como mão-de-obra escrava.

Pois bem, essa cultura libertaria e a estética corporal desreprimida, têm muito a ver com o homem brasileiro, seu herdeiro direto. Assim é possível entender sua linguagem corporal. A manemolência de que fala o sociólogo Gilberto Freyre, o gingado que é, aliás, uma das suas características coletivas, o remelexo da mulata, enfim, toda uma gestualidade transposta para o seu cotidiano, para sua cultura lúdica como a música, o carnaval e o futebol. Basta ver, por exemplo, as apresentações das Escolas de Samba ou de partidas de futebol. Há nesse esporte, evidentemente, aqueles que transcendem qualquer previsão das características aqui apresentadas. São os casos de Garrincha, Canhotoiro, Pelé, Rivelino, Tostão e Romário, entre outros. Voltaremos a falar deles mais adiante.

Quando me reporte ao exagero sensacionalista, estava pensando nos desfiles carnavalescos. Por seu prestígio internacional, esta festa popular brasileira é transmitida ao vivo, do Rio de Janeiro, para alguns países da Europa e da América, mas também para todo o Brasil em cadeia de televisão. Fala-se muito da pouca roupa usada pelos foliões brasileiros, especialmente as mulheres.

Ora, é preciso analisar com muita cautela essa questão para evitar os estereótipos. Nessa época é verão no Brasil, e a temperatura no Rio de

⁶ Sobre esse tema convém consultar os livros de Câmara Cascudo, *História dos nossos gestos*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1988 e o prefácio que o sociólogo Gilberto Freyre fez para o livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, Rio de Janeiro: Brasileira, 1964.

Janeiro chega com facilidade aos quarenta graus. Esse não é, evidentemente, o motivo do uso de pouca roupa. De qualquer modo, mas também por ser habitual, este é um período de altas temperaturas no país, e os brasileiros costumam usar roupas leves, curtas e, em alguns casos, até transparentes. É época de férias e o país vive um clima de festa pré-carnavalesco, carnavalesco e após o carnaval, por pouco tempo, em que pese os problemas econômicos, políticos e sociais que, a rigor, infelizmente, já fazem parte do cotidiano brasileiro.

Para lá afluem milhares de turistas de todo o mundo, para participarem do carnaval diretamente ou, quando menos, como espectadores. Por se tratar da mais importante festa popular do país, o governo decreta sempre dois dias de feriado para que os foliões possam brincar à vontade. De norte a sul, de leste a oeste, todo o país está em festa durante os quatro dias de carnaval. São quatro dias porque essa festa começa no sábado e, oficialmente, só termina na terça-feira seguinte. Tanto no carnaval de rua, quanto no de salão, cantam-se as modinhas carnavalescas, pula-se, grita-se e bebe-se à vontade. É a própria catarse coletiva.

Nesse tipo de carnaval mais “doméstico” não se vê muitos foliões com pouca roupa. O exagero sensacionalista a que me refiro ocorre nas Escolas de Samba, uma espécie de “cartão de visita” do carnaval brasileiro. Diferente do carnaval de salão e de rua, onde há um alto grau de sociabilidade e de solidariedade⁷, o carnaval das Escolas de Samba é um tipo de empreendimento bastante profissionalizado. É uma espécie de “carnaval empresa” cujo objetivo é, entre outros, estimular a indústria do turismo no país.

A nudez que se vê nas Escolas de Samba não é a regra geral. Ela é a exceção localizada que caracteriza o seu tipo de carnaval, cujo objetivo é manter a antiga e desgastada imagem da “sensualidade” da mulata brasileira. É uma estratégia de marketing da qual o governo e as próprias Escolas não prescindem. Mesmo nas Escolas de Samba a nudez aparece em poucas alas⁸. A televisão, como de resto a maior parte da grande imprensa, à procura de audiência e de vender mais jornais e revistas, concentram boa parte das atenções nas mulheres que desfilam semi-ânua. Este é o exagero sensacionalista a que me refiro: concentrar as atenções na nudez que é uma exceção e passar a falsa idéia de regra geral.

Não há, no entanto, por que contestar a nudez das mulatas. Afinal, como já disse anteriormente, há toda uma tradição cultural por detrás dessa nudez que precisa ser entendida na sua lógica interna, no plano da sua tradição mesmo. Já é algo internalizado à cultura lúdica do país. Foi isso o que procurei mostrar um pouco antes, de modo mais resumido.

⁷ O livro da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O carnaval brasileiro*, São Paulo: Brasiliense, 1992, analisa com detalhes e precisão a importância social do carnaval brasileiro.

⁸ Ala é a denominação que se dá a cada parte da Escola de Samba que pode apresentar quantas quiser. Algumas dessas Escolas chegam a desfilarem com até cinco mil foliões.

Por outro lado, discordo, isto sim, da exploração mercadológica dessa imagem que a transforma em mero objeto de consumo visual, banalizando sua sexualidade e, por extensão, a própria imagem da mulher brasileira. E como se a sexualidade no Brasil fosse hoje um produto a mais de consumo.

Nesse sentido, aliás, o governo federal, através da Embratur - Empresa Brasileira de Turismo, tem contribuído para a divulgação dessa falsa imagem. Em 1989, foram distribuídos cartazes por toda a Europa e a América, estimulando o turista a passar suas férias no Brasil. O cartaz encaminhado pela Embratur trazia uma mulher deitada de bunda para cima, na praia de Copacabana com um olhar insinuante, lânguido, vestida num maiô "fio dental". O texto, escrito em vários idiomas, convidava elegantemente o turista a visitar o Brasil. É claro que a intenção do governo era estimular o turismo internacional no país, e não banalizar a imagem da mulher brasileira. Mas o cartaz também permite outra leitura que vai ao encontro dessa última observação. Aliás, se bem analisado, ele permite diversas leituras. Uma das possíveis é esta que mencionei.

O futebol

Pois volto a dizer: se a música popular, o carnaval e o futebol podem parecer ao leigo apenas objetos de prazer e de folia, no Brasil e para os brasileiros, eles estão muito além das aparências. Estão, na verdade, na essência do seu povo.

Por outro lado, é certo e sabido que aquele país não possui tradição nas competições esportivas, a não ser no futebol. A explicação para isso vem de longe e data ainda do século XIX quando, em 1882, Rui Barbosa, chefe da Comissão Nacional de Ensino tenta, sem sucesso, introduzir a educação física no currículo das escolas primárias. A partir daí, esta atividade ficaria à mercê de alguns imigrantes europeus que lá chegavam e da voluntariedade de um reduzido número de brasileiros que havia estudado na Europa e adquirido o hábito de praticar esportes.

Foi assim, por exemplo, que apareceu o futebol no Brasil em 1894. Charles W. Miller, brasileiro de origem familiar inglesa, ao voltar de suas férias na Inglaterra, trouxe uma bola de futebol em sua bagagem. Em São Paulo, ao lado do alemão Hans Nobiling que chegara ao Brasil em 1897, passariam os dois a organizar competições entre seus amigos no campo de rugby do São Paulo Athletic e no Velodromo. Concretizava-se, dessa forma, a importação do assim chamado "esporte bretão"⁹.

No início, mas por pouco tempo, o futebol ficaria restrito aos jovens da elite de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os colégios grã-finos que podiam importar material esportivo como o Anglo-Brasileiro, os Colégios Militares

⁹ O professor e historiador Alfred Wahl, da Universidade de Metz, em seu livro *La balle au pied*, Paris: Gallimard, 1990, faz uma trajetória muito interessante sobre a história do futebol no mundo.

e o Alfredo Gomes, logo incorporaram o futebol nas atividades físicas dos seus alunos. Era daí que saíam os jogadores para se integrarem aos clubes da época como o Paissandu (Rio de Janeiro), Germânia (atual Pinheiros), São Paulo Athletic, entre outros.

Em 1899, em São Paulo, ocorre o primeiro "grande" jogo. Havia sessenta torcedores. Um público considerável, se levarmos em conta o quase total desconhecimento do futebol no Brasil. Jogaram os altos funcionários da Empresa Nobiling, contra os ingleses que trabalhavam na Companhia de Gás, Estrada de Ferro e no Banco de Londres. Venceram os ingleses.

Mas, se no início o futebol no Brasil teve um caráter essencialmente elitista, os motivos o justificam. É preciso ver que os ingleses, introdutores desse esporte naquele país, integravam a elite da sociedade paulistana e carioca. Só eles, e os brasileiros ricos, tinham acesso à prática do futebol. Quase todo o material necessário era importado e muito caro. Não bastassem os empecilhos econômicos, os preconceitos social e racial reiteravam de forma categórica o elitismo.

Esta foi uma das características do futebol brasileiro até início dos anos quarenta. Apesar da evidente popularização desse esporte, boa parte da elite burguesa não aceitava subalternos nem negros no seu time. E mais do que isso, a própria classe dirigente do futebol estimulava a discriminação social e racial. Tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro, todos os clubes recreativos que aderiram ao futebol não admitiam negros no time e nem jovens que não estivessem estudando.

Assim, a grande maioria dos jogadores era formada por universitários que, nos momentos de lazer, procurava seu clube para jogar futebol. Em São Paulo surgiram times como o Mackenzie Colledge, o Club Athletico Paulistano, o São Paulo Athletic Club, o Sport Club Corinthians Paulista, a Associação Athletica Ponte Preta, todos no início deste século. No Rio de Janeiro, o The Bangu Athletic Club, o Andaraí, o Carioca, o Vila Isabel, o Mangueira e o Fluminense. Todos eles agremiações sociais e esportivas que passariam a se interessar pelo futebol. Ou melhor: foram agremiações criadas tendo o futebol como seu principal lazer.

Interessante notar que, embora altamente elitizado, o futebol no Rio de Janeiro já dirigia-se para a zona norte da cidade. Geograficamente essa região sempre concentrou a grande maioria da população proletária e dos baixos estratos da classe média. Agremiações como o Carioca, Bangu e Mangueira tinham suas sedes em bairros proletários.

A "pelada"

Origina-se aqui, na verdade, todo o processo de democratização do futebol brasileiro e sua conseqüente popularização. Uma trajetória de muitas brigas e lutas políticas entre dirigentes de clubes e jogadores, cujo

espaço deste ensaio não nos permite esmiuçá-la¹⁰. O fato é que, tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo, o futebol já não era mais aquele esporte que só as elites podiam praticar. Nas ruas, nos espaços vazios da periferia, na várzea e na areia das praias (caso do Rio de Janeiro), os jovens que não pertenciam à elite econômica começavam a improvisar suas partidas de futebol, que mais tarde seriam chamadas popularmente de “peladas”. Estava criado, a partir desse momento, um hábito que teria (e continua tendo) lugar de destaque na cultura lúdica brasileira. Nem sempre a bola era de couro. Muitas vezes era de meia e corda ou de borracha, mas sempre atraindo jovens que se habituavam a jogar e um público disposto a se divertir assistindo a “pelada”.

Esta expressão, além de ser sinônimo de futebol no Brasil, está estreitamente ligada à popularização desse esporte no país. Está aliás, incorporada à própria cultura futebolística do torcedor brasileiro. Trata-se de uma partida cuja principal característica é a desorganização tática e técnica dos jogadores em “campo”. Não é necessário que haja vinte e dois jogadores. O jogo se realiza com qualquer número, desde que igualmente para cada “time”. Não há necessariamente árbitro nem bandeirinha, mas as regras do futebol devem ser rigorosamente respeitadas pelos jogadores. A única condição imprescindível, aliás, para que ele participe da “pelada”. Há toda uma ética de comportamento nesse sentido e ela não deve, sob qualquer hipótese ou pretexto, ser desrespeitada. Agora, é evidente que, com a ausência do árbitro, quando ocorre uma falta grave (o penalte, por exemplo) não há consenso quanto a real procedência da penalidade. Trata-se de uma situação decisiva, como tal, nesse caso, prevalece a cumplicidade que cada um tem com o seu time.

Nesse momento, é claro, a confusão está formada. Pode haver briga, empurra-empurra e o jogo pode não chegar ao fim, que aliás não é cronometrado. Ele só termina por um acordo entre os times ou quando os jogadores chegarem à exaustão. Os desentendimentos, no entanto, com raras exceções, não ultrapassam o domínio esportivo. É habitual esses mesmos jovens se reunirem no dia seguinte para continuarem a mesma partida, ou iniciarem uma outra. Na várzea, na praia, na periferia ou, como já disse, em qualquer espaço vazio, sem qualquer demarcação de um campo de futebol. Estas também são improvisadas.

A expressão “pelada”, por outro lado, tem muito a ver com uma cultura da pobreza dos jovens da periferia no Brasil. Sejam eles dos grandes centros urbanos (Rio, São Paulo, Salvador etc.) ou mesmo do interior. Sem trabalho, seu tempo se limita, eventualmente, à Escola e ao futebol. Por não terem dinheiro para comprar material esportivo, eles costumam jogar calções e sem camisa. Apenas de calção. Explica-se por que: eles não devem estragar seus sapatos ou tênis jogando futebol, muito menos suar a camisa.

¹⁰ Em meu livro *O pontapé inicial*, São Paulo: Ibrasa, 1990, eu analiso a relação entre o elitismo econômico, o preconceito racial e social e a luta política entre dirigentes e jogadores no sentido de profissionalizar o futebol brasileiro.

A “pelada” tem ainda três aspectos significativos que merecem destaque. O primeiro é que, sendo uma atividade espontânea definitivamente incorporada à cultura lúdica do país ela tem, por isso mesmo, um caráter de sociabilidade muito grande. As relações de vizinhança tornam-se mais dinâmicas justamente em face do número de pessoas que dela participa. Seja jogando futebol ou ainda como torcedor. De uma forma ou de outra, o habitante do bairro ou da região estaria participando de um intenso processo de sociabilidade e de integração social. Isto porque, a “pelada” tanto pode acontecer ocasionalmente, sem que nada tenha sido planejado, como pode ter hora e data marcadas¹¹.

Isso é o máximo da organização que se consegue numa partida descomprometida com a vitória ou a derrota como a “pelada”. O mais importante mesmo é o prazer da diversão. Poder gritar a favor e contra seu próprio time, fazer brincadeiras com os jogadores, as mais variadas possíveis, sem que isso tenha a conotação de agressão que se vê nos estádios. Enfim, pode-se dizer, sem correr o risco de romantizar, que a “pelada” é, no fundo, muito mais uma festa popular esportiva do que propriamente uma competição. O que menos interessa é o resultado da partida. Ou, pelo menos, interessa muito pouco. De tudo isso, o que fica mesmo é o caráter de sociabilidade que o futebol de “pelada” proporciona a seus participantes como um todo. Em outras palavras, é a força do futebol informal, desprezioso que aproxima o jogador e o torcedor brasileiro.

O segundo aspecto diz respeito à identidade da pobreza. O futebol de pelada é uma atividade essencialmente proletária. Haja vista, por exemplo, que seu maior índice de incidência nas grandes metrópoles se dá justamente na periferia onde se localizam os bairros proletários. Faz parte da cultura proletária brasileira, jogar peladas nos finais de semana. Especialmente aos sábados à tarde e aos domingos pela manhã.

Após a partida, seja qual for o resultado, ganhadores e perdedores se congratulam bebendo e comendo no próprio local do jogo ou no bar mais próximo do campo. Nesse momento, a partida é minuciosamente analisada por seus integrantes. Seja ele jogador ou torcedor. De forma desordenada (todos falam ao mesmo tempo), cada lance da partida é exaustiva e passionadamente analisado em suas possibilidades. Como aconteceu, como deveria ter sido, o que aconteceria se ele tivesse sido executado corretamente e assim por diante. Enfim, faz-se uma discussão minuciosa sobre a técnica, a tática e as oportunidades de cada time durante a partida.

Nesse momento, jogadores e torcedores tornam-se verdadeiros “analistas” do futebol. Nada, ou quase nada lhes escapa. Talvez por isso é que exista no Brasil a conhecida frase: “somos cento e cinquenta milhões de técnicos de futebol”. É claro que se trata de uma metáfora para mostrar

¹¹ O professor Sebastião Witter escreveu um trabalho bastante interessante sobre o futebol de várzea em São Paulo, intitulado “A várzea não morreu”. In: *Futebol e cultura*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Divisão de Arquivo do Estão de São Paulo, 1982.

a afinidade desse povo com o futebol. Não é sem motivo, portanto, que esse esporte atingiu um alto grau de desenvolvimento no Brasil. Este é apenas um deles. Não é sem motivo também que, em todo o mundo, a imagem desse país está estreitamente ligada ao futebol. É que esse esporte está também indissociavelmente ligado à sua cultura popular. Hoje, talvez, mais do que o carnaval e a música.

O terceiro aspecto está diretamente relacionado com o futebol profissional, mas é o reflexo imediato das chamadas "peladas". É um momento muito significativo e importante para o futebol brasileiro e para os "peladeiros" que postulam seu espaço como futuros profissionais da bola. É também a grande oportunidade de ascensão social, de sair do anonimato e adquirir o reconhecimento e a consagração pública.

Este processo ocorre muitas vezes da seguinte forma: no Brasil há uma tradição de que nos jogos de várzea e de praia surgem sempre bons jogadores. E ela se mantém ao longo dos anos, revelando jogadores que marcaram definitivamente a ascensão e o prestígio internacional do futebol brasileiro.

Num passado bastante remoto (anos dez e vinte), quando o futebol nesse país ainda era altamente elitizado, o Club Athletico Paulistano (São Paulo) teve de render-se ao brilho e ao talento de Arthur Friedenreich. Segundo especialistas como João Saldanha, tão habilidoso ou mais que Pelé. Filho de alemão com uma negra brasileira, Friedenreich herdaria mais a cor da mãe, mas também algumas características do seu pai. Era alto, de olhos azuis e cabelos bem crespos. Como tantos outros jogadores, ele foi descoberto na várzea e, numa deferência muito especial, em face do seu futebol brilhante e da influência do seu pai, foi levado para jogar no Club Athletico Paulistano, o mais elegante e sofisticado clube da cidade de São Paulo desde 1900. Não se tem notícia de outro jogador negro que tenha vestido a camisa deste clube. Em 1929, depois de conquistar o bicampeonato de São Paulo, o paulistano encerra suas atividades no futebol por discordar do movimento de profissionalização desse esporte que seria vitorioso em 1933.

Poderíamos aqui fazer uma longa relação de jogadores mundialmente conhecidos e descobertos nos jogos de peladas na várzea ou na praia. Mas não é o caso. Apenas para ilustrar a importância deste futebol recreativo, quero acrescentar alguns nomes que por ele passaram: Garrincha, Zizinho, Pelé, Sócrates, Didi e mais recentemente Romário.

Hoje, com toda a modernização e a preparação científica do futebol brasileiro, as peladas mantêm a mesma importância. É na várzea, na praia, nos campos da periferia que os "olheiros"¹² vão, anonimamente, à procura de novos talentos.

¹² O "olheiro" é uma espécie de treinador itinerante que sai pela várzea, praia e outros lugares onde ocorrem as peladas, à procura de novos talentos para o futebol do seu clube.

Ao mesmo tempo, deve-se destacar, a grande maioria dos times brasileiros possui as chamadas divisões inferiores, de onde sai boa parte dos jogadores que se profissionalizam. Quero citar um exemplo: o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro é tri-campeão (92, 93 e 94) com uma equipe formada nas divisões inferiores. É bem verdade, porém, que diversos jogadores foram recrutados nas peladas e preparados para se profissionalizarem. Como são sempre jovens, eles necessariamente passam pelo estágio pré-profissional das divisões amadoras. Esta é, em síntese, a importância da pelada para o futebol brasileiro.

Dada a importância e o grande desenvolvimento desse esporte naquele país, há hoje toda uma infra-estrutura destinada à preparação de jogadores. Os grandes clubes possuem verdadeiros laboratórios por onde deve passar o atleta de talento, mas sem as devidas condições físicas para a prática do futebol. Há muitos casos desse tipo, mas acredito que o de Zico, ex-jogador do Flamengo do Rio de Janeiro seja o mais conhecido. Extremamente talentoso como jogador, ele era muito fraco fisicamente. Como atacante que era, não teria a mínima chance de enfrentar, em igualdade de condições, a truculência dos defensores adversários. A saída encontrada pelos dirigentes do Flamengo foi, evidentemente, entregá-lo aos fisicultores e médicos do clube. Depois de um certo tempo, Zico havia ganhado massa muscular e crescido dois centímetros, sem que isso interferisse negativamente no seu rendimento, na sua agilidade corporal e gestual. Não comprometeu seus dribles. O jornal britânico *Daily Mirror* deu destaque a esse fato acrescentando que Zico seria o primeiro jogador "biônico" do futebol. O primeiro jogador "forjado" em laboratório. Na verdade, o grupo de profissionais do Flamengo nada fez de excepcional. A equipe médica apenas procurou suprir suas deficiências advindas da desnutrição, um fato corriqueiro nos jovens que optam e conseguem se profissionalizar no futebol brasileiro.

O Clube de Regatas Vasco da Gama foi um pouco mais longe nesse aspecto. Criou uma Escola de Futebol que integra crianças desde os nove anos de idade e pode levá-las ao profissionalismo. Há toda uma infra-estrutura destinada especialmente a esse objetivo. A saúde, a educação escolar, a alimentação, a preparação física e até habitação estão inclusas no projeto vascaíno. O jovem vindo de outro Estado tem moradia assegurada nos alojamentos do Estádio de São Januário, propriedade dessa equipe. Não é sem motivo, portanto, que este clube tem conquistado, nos últimos anos, a maioria dos títulos da cidade do Rio de Janeiro, com equipes formadas basicamente na sua própria escola.

Outras grandes agremiações do futebol brasileiro também têm esta infra-estrutura, com algumas pequenas diferenças. Em São Paulo, são os casos do Guarani Futebol Clube, da cidade de Campinas e do São Paulo Futebol Clube da Capital. Em Belo Horizonte, o Esporte Clube Cruzeiro, em Porto Alegre, o Sport Club Internacional, apenas para citar alguns exemplos.

A política

Nesse momento, porém, o futebol brasileiro vive uma situação extremamente importante no tocante à sua própria estrutura. Se por um lado, ele atingiu um elevado estágio de desenvolvimento que lhe permitiu conquistar quatro campeonatos mundiais, por outro, não se pode dizer que é exatamente organizado. Não só sob a ótica da sua política administrativa, mas também sob a própria concepção do que significa o futebol profissional em nossos dias. Nessas questões, me parece, o futebol brasileiro tem muito ainda a aprender com o futebol europeu, especialmente o italiano, o francês e o alemão. O calendário anual para distribuição dos jogos tem a tradição de ser sempre muito mal elaborado. Além de fazer coincidir datas de jogos dos campeonatos estaduais e brasileiro nunca considera o compromisso extra-campeonato que um time possa ter. Não deixa dias disponíveis para imprevistos. Os jogos de campeonato são realizados até três vezes durante a semana, num ritmo que não leva em conta a recuperação física do jogador. Esse é um dos aspectos pelos quais se diz que o jogador de trinta anos no Brasil já está "velho".

Na sua política interna, já faz tempo, a CBF - Confederação Brasileira de Futebol, em certos momentos, administra esse esporte ao sabor de interesses políticos particulares. A presidência dessa entidade é um cargo arduamente disputado entre os dirigentes do futebol brasileiro. Além do prestígio pessoal, da força política a nível nacional e internacional ele permite, a médio prazo, que este presidente postule também, mais tarde, a presidência da FIFA. Foi essa a trajetória de João Havelange que, em 1998, no campeonato mundial a ser realizado na França, completará 25 anos no poder dessa entidade.

No tocante à política interna dos clubes prevalece ainda um certo amadorismo administrativo. Quero dizer o seguinte: alguns dirigentes de clubes ainda não se deram conta (ou pelo menos relutam em aceitar) de que o presente e provavelmente o futuro do futebol estão coligados ao capital. Ou ainda, como se diz no Brasil, ao futebol-empresa. Só de 1992 para cá, é que o São Paulo Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Palmeiras iniciaram, de forma ainda muito tímida, a modernização do conceito amadorista presente no futebol desse país.

Ao contrário do que possa parecer, e da indiscutível paixão brasileira por esse esporte, ele é deficitário aos clubes, com poucas exceções. São os casos do São Paulo Futebol Clube e do Clube de Regatas Vasco da Gama, que apresentaram *superávit* em 1993. Isso não significa, porém, um desempenho habitual. O ano de 1992 foi deficitário para todo o futebol brasileiro de modo geral. Em 1994, em função da conquista do tetracampeonato mundial é possível que os clubes venham a ter *superávit*.

Por outro lado, enquanto permanecer a desorganização administrativa e a política equivocada dos dirigentes (autopromoção, clientelismo, nepotismo etc.), continuara havendo também a evasão dos melhores

jogadores para o exterior. Não há como concorrer com os clubes europeus e mantê-los jogando no Brasil. É justo que esses profissionais queiram também jogar no exterior. É lá que eles ganham muito dinheiro, projeção e prestígio internacionais. É no Brasil que eles têm a primeira consagração profissional, mas é nos times europeus que ocorre a segunda e definitiva consagração, com uma diferença significativa: ela vem acompanhada da também definitiva independência econômica. São os casos de Julinho (Fiorentina), Amarildo (Milan), Mazzola (Internazionale), Falcão e Aldair (Roma), Márcio Santos (Bordeaux), Bebeto (La Coruña), Romário (PSV Heidooven e Barcelona) e tantos outros. Basta ver que da seleção brasileira titular do mundial de 1994, apenas o jogador Zinho ainda não havia sido contratado por um clube do exterior. Todos os outros dez jogadores estavam em times europeus ou já haviam passado por lá.

Deve-se considerar aqui um aspecto importante e que envolve a economia brasileira. Já faz tempo, desde o início dos anos oitenta, o país vem enfrentando sérios problemas econômicos, num processo acumulativo de perdas. Têm aumentado, o desemprego, a inflação monetária e os problemas sociais. Ao mesmo tempo, em decorrência disso, é claro, tem ocorrido o sistemático empobrecimento da população. A instabilidade econômica que atinge a todos os setores da produção cria um clima de pessimismo e desânimo. Os salários, corroídos pelo processo inflacionário, diminuem o poder aquisitivo das classes média e proletária, as mais atingidas pelo lento processo de empobrecimento do país. Numa situação economicamente delicada como esta, a primeira providência das pessoas (a população como um todo) é cortar as despesas com o lazer. No caso brasileiro, não para economizar e se prevenir contra eventualidades e situações mais graves, mas por imposição imediata de suprir as necessidades básicas.

Esse quadro, como não poderia ser de outra forma, reflete-se negativamente em todas as atividades lúdicas, entre elas o futebol. O resultado disso, é que o público se afasta dos estádios, a renda dos jogos diminui sensivelmente e os clubes entram em crise econômica. Esta situação no futebol brasileiro sucede de forma intermitente. Há determinados momentos em que se percebe uma pequena reação favorável. O torcedor começa a retornar aos estádios mas, depois de pouco tempo se retrai novamente. Não posso precisar exatamente o motivo desse fenômeno, mas acredito que ele esteja diretamente ligado às oscilações da economia. Até porque, esta situação se repete em outros setores como, por exemplo, o aumento e o declínio do consumo de produtos alimentares, eletrodomésticos etc.

No futebol, um aspecto tem contribuído negativamente para isso: os campeonatos estaduais e brasileiro são muito mal organizados, como já disse. Há jogos sem a menor importância e, portanto, não podem mesmo motivar o torcedor a ir ao estádio. Isso, no entanto, é apenas um detalhe de toda uma estrutura mal organizada, mal administrada e com um agravante que foge ao alcance dos dirigentes do futebol: a economia do país não vai

bem. Nesses termos, dificilmente alguma coisa pode prosperar. Ainda que seja o futebol no Brasil, onde há profunda empatia do torcedor com esse esporte, a ponto de torná-lo o mais importante produto da cultura lúdica brasileira.

Nessa situação, a alternativa dos clubes é vender mesmo seus melhores jogadores ao exterior, nivelando por baixo os espetáculos futebolísticos no país. É mais um motivo para o torcedor não ir aos estádios. Para ele é frustrante ver os melhores jogadores do seu time serem vendidos ao exterior e substituídos, pelo menos temporariamente, por profissionais desconhecidos e sem nenhuma expressão no cenário nacional. Ele raciocina com o coração e, como torcedor apaixonado que é, tem suas razões. Ele quer vitórias, quer ver seu time brilhar e conquistar títulos.

O problema, no entanto, é muito mais grave do que a simples aparência. Ainda bem que este clube tem jogadores pretendidos pelo exterior. Vendê-los é a única alternativa possível para pagar as dívidas do clube, salários atrasados dos outros jogadores, encargos trabalhistas, enfim, equilibrar as finanças novamente.

Ao jogador interessa ser vendido. Ao clube, claro, também. Pela lei do passe no Brasil, toda e qualquer venda de futebolista, seja a nível nacional ou internacional, ele terá direito a 15% do valor da venda do seu passe. Não bastasse isso, seu salário no exterior é muitas vezes superior ao que ele ganha no Brasil. Enfim, ter seu passe vendido significa também sua independência financeira.

Quero citar um exemplo que não é exceção. Ao contrário, é rotina no futebol brasileiro. O jogador Ronaldo, 17 anos, do Cruzeiro de Belo Horizonte, reserva de Romário no mundial dos Estados Unidos, foi vendido ao PSV Heidooven da Holanda por seis milhões de dólares. Pela lei do passe Ronaldo recebeu quatrocentos mil dólares, o suficiente para viver muito bem, pelo menos no Brasil. Em 1987, sucedeu-se exatamente a mesma coisa com Romário. O Clube de Regatas Vasco da Gama que o projetou para o futebol, vendeu seu passe pelo mesmo valor e para o mesmo time.

Vendo o problema por essa óptica, tem-se então a impressão de que o futebol brasileiro vai mal. É verdade sim, mas apenas no seu aspecto organizacional e administrativo. Economicamente, é claro, só poderá ir realmente bem quando o país reequilibrar sua economia. Mesmo assim, com esses aspectos desfavoráveis ele sobrevive e recentemente conquistou seu quarto campeonato mundial, recuperando todo seu prestígio internacional.

Há, porém, alguns fatores que impulsionam e ajudam a manter a qualidade do futebol brasileiro. Um dos mais importantes, talvez o maior, é a sua capacidade de renovação. A política dos grandes clubes, de modo geral, tem valorizado esse tipo de trabalho. Os mais bem sucedidos, como vimos são, Vasco da Gama (Rio de Janeiro) e São Paulo Futebol Clube (São Paulo) que já criaram uma infra-estrutura para a renovação ininterrupta do seu elenco. Os que ainda não o fizeram também usam um sistema muito interessante e eficaz. Ele é popularmente chamado de "peneira" e consiste

no seguinte: pelo menos a cada quinze dias, os milhares de jovens que desejam seu espaço no futebol profissional terão oportunidade de treinar nas dependências de um time grande ou médio, sob o olhar atento de um de seus treinadores. Para cá acorrem muitos jogadores de “peladas”. Dessa grande quantidade e num trabalho meticoloso, este treinador seleciona os melhores que deverão, posteriormente, confirmar sua aptidão futebolística em outros treinos. Se confirmadas, o futuro atleta deverá ainda passar por rigorosos exames médicos para se saber da sua saúde e receber eventual tratamento médico. Foi o que aconteceu com Zico, como vimos, que mostrou excepcional talento, mas apresenta-se desnutrido e raquítico.

Após esse processo, o atleta selecionado seria integrado às categorias juniores do clube (depende muito da sua idade) e tem grande chance de se profissionalizar. Ele passa a treinar com os profissionais para adquirir, aos poucos, a experiência necessária. Nesse caso ele ainda não é propriamente profissional, mas já recebe uma ajuda de custos do clube para treinar e algum custeio das suas despesas pessoais.

Ele não tem contrato assinado, mas apenas o que se chama de “acordo de cavalheiros”, ou seja: ele não deve deixar o clube e, em contrapartida, a qualquer momento (isso fica a critério do técnico) pode ser aproveitado para jogar no time profissional. Assim, ele teria completado toda a trajetória “hierárquica”, da “peneira” à profissionalização. A partir daí seus objetivos serão outros. Realizar bons contratos, trocar de clube posteriormente (ele ganha 15% do valor do seu passe) e, se possível, jogar no exterior onde será muito mais bem pago.

Esta é a forma mais usual de se descobrir novos talentos para o futebol brasileiro e de promover a renovação a todo momento. E o princípio da quantidade que se reverte em benefício da qualidade. Como isso acontece em todo o país e não apenas nos grandes centros, é fácil compreender por quê o Brasil em sempre uma geração jovem de jogadores muito bons.

Como é fácil, da mesma forma, compreender o gingado do jogador de futebol, a manemolência do malandro e o remelexo da mulata no Carnaval. Há razões históricas e antropológicas para isso, como vimos antes. A gestualidade brasileira é uma questão cultural. Como cultural é sua incrível paixão pelo futebol.

Os dribles de Garrincha, que mais parecem uma borboleta voando, têm sua gênese na gestualidade libertária e desreprimida do brasileiro. É assim que ele joga futebol. E ainda nesse esporte, no carnaval e na música, perfeitamente integrados à sua cultura lúdica, que ele encontra todo o espaço possível para improvisar com liberdade, os movimentos sensuais e imprevisíveis que brotam da sua espontaneidade corporal, essa doce magia que flutua ao sabor da sua criatividade.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 1991.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. São Paulo: José Olympio, 1968.
- GEERTZ, Clifford. *As interpretações da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HERSKOVITS, M. J. *Les bases de l'anthropologie culturelle*. Paris: Payot, 1967.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- LAMBERT, Jacaues. *Os dois brasis*. São Paulo: Nacional, 1958.
- MÁRIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O carnaval brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- VILLAS-BOAS, Orlando. *Xingu: seus índios, seus mitos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.